

TERAPIA OCUPACIONAL E A TELESSAÚDE NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM ESTUDO DE CASO¹

Juliana Pietro Minato², Julia Bulegon Hermes³, Ellen Caroline Timm⁴, Vitoria Hoerbe Beltrame⁵, Dani Laura Peruzzolo⁶

¹ Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria

² Aluna do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria

³ Aluna do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria

⁵ Mestra em Distúrbios da Comunicação Humana. Universidade Federal de Santa Maria

⁶ Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana. Docente do Curso de Terapia Ocupacional; Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução: O distanciamento social como uma medida para o enfrentamento da pandemia do *Corona Vírus Disease* (COVID-19) impôs desafios e mudanças na área da saúde. Em março de 2020, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional através da resolução Nº 516 permitiu os atendimentos não presenciais em diferentes modalidades, entre elas o telemonitoramento, que se refere ao acompanhamento do paciente através de aparelhos tecnológicos. A Telessaúde é definida pela World Federation of Occupational Therapists como o uso de tecnologias para a prestação de serviço em que profissional e cliente estão em diferentes locais, de forma síncrona e/ou assíncrona. Durante a pandemia, essas modalidades tem respaldado os atendimentos terapêuticos ocupacionais realizados através do projeto de extensão “Terapia Ocupacional e Intervenção Precoce com bebês e seus familiares: detecção e tratamento dos problemas do desenvolvimento e risco psíquico na primeira infância” realizado através de ações em um Ambulatório de Intervenção Precoce vinculado a um hospital universitário no interior do Rio Grande do Sul durante a suspensão das atividades presenciais.

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar a experiência do telemonitoramento terapêutico ocupacional de um caso clínico e apontar as potencialidades e desafios deste acompanhamento.

Metodologia: O estudo trata-se do relato de um estudo de caso clínico a partir da experiência de estudantes do curso de Terapia Ocupacional por meio da Telessaúde, no período de outubro a fevereiro de 2021. O caso acompanhado foi de um menino de 3 anos de idade, encaminhado ao Ambulatório de Intervenção Precoce para atendimentos de Terapia Ocupacional, com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em investigação. As intervenções aconteceram semanalmente através de chamadas de vídeo no aplicativo *Whatsapp*, em sessões individuais com a criança e com apoios técnicos da

responsável para o posicionamento do celular. As informações pertinentes para a produção deste estudo foram fundamentadas nos registros dos telemonitoramentos através de prontuários e relatórios, da avaliação realizada acerca da constituição do cotidiano e ocupações do paciente e sua cuidadora principal (avó), além das supervisões e análises semanais dos atendimentos realizados. O caso foi supervisionado por uma docente e uma terapeuta ocupacional, orientadora e co-orientadora, respectivamente, que supervisionaram as práticas. O paciente está vinculado ao projeto de pesquisa registrado sob número CAAE 02047218.7.0000.5346.

Resultados: As intervenções foram pautadas em avaliação, construção do plano de tratamento terapêutico ocupacional e posteriormente o tratamento do paciente. A avaliação foi realizada em três semanas através dos telemonitoramentos, em que foram observados aspectos cognitivos, sensoriais e sociais que implicavam nas ocupações cotidianas do menino principalmente com a cuidadora. Somado a isso, a avó relatou suas principais queixas, em relação a agitação e falta de obediência do neto, em que ela interpretava muitos de seus comportamentos como agressivos e prejudiciais, atribuindo-os ao possível diagnóstico em investigação. Percebeu-se o excesso de demandas da avó frente a todas as exigências advindas do cotidiano familiar, e que por vezes, dificultou a percepção dela de que o menino era uma criança típica. Durante os telemonitoramentos, levantou-se a hipótese de que a criança apresentava esses comportamentos como uma maneira de expressar suas emoções, uma vez que foram identificados que os sinais clínicos poderiam estar associados à sua história de vida e organização familiar que afetavam diretamente o seu desenvolvimento. A partir disso o plano de tratamento consistiu em deslocar o olhar sobre os comportamentos “inadequados”, ressignificando e dando-lhes sentido, atribuindo-os como gestos do menino. Desta forma, foram conduzidas intervenções considerando a hipótese levantada e aprofundando-se em observações e análises para além do diagnóstico em investigação. O tratamento foi pautado considerando os recursos existentes no domicílio, como os espaços, objetos, utensílios domésticos e brinquedos. Na maioria das vezes, a cuidadora se fazia presente como uma forma de suporte, relatando situações em relação à criança e compartilhando momentos de brincadeiras. Os telemonitoramentos e a postura da terapeuta serviam como modelo para a avó e foram auxiliando na ampliação do repertório de brincadeiras da criança, sua principal ocupação, na construção de diálogos mais afetuosos, como no momento de solicitar alguma tarefa, estabelecer limites ou nos momentos em que o menino se demonstrava incomodado. À medida em que o vínculo entre terapeuta e paciente foi se constituindo, apostou-se nos gestos, expressões e movimentos da criança, valorizando a sua forma de fazer. Além disso, o menino caracterizou-se como um agente ativo no tratamento, onde as sessões eram dirigidas pelos desejos e preferências dele. Ao final dos telemonitoramentos, percebeu-se que a criança havia avançado na ampliação de seu repertório na ocupação do

brincar e no seu engajamento em brincadeiras simbólicas compartilhadas, utilizando seu corpo e os gestos ressignificados como meio para atrair a atenção da terapeuta e da avó na criação de novas brincadeiras. Em relação a avó, foi possível perceber que as sessões em telemonitoramento foram importantes para compartilhar suas angústias e fragilidades frente aos comportamentos da criança e contribuiu com mudanças na sua forma de se relacionar com o neto, onde passou a convocar e compartilhar novas atividades com ele. Esses avanços contribuíram para a organização do cotidiano, das ocupações e da relação dos dois. As dificuldades impostas por essa modalidade de atendimento foram identificadas durante as interações entre a terapeuta e o paciente, que muitas vezes se limitaram a fala, o que para o tratamento em terapia ocupacional se configura como um problema, visto a importância das intervenções que considerem o corpo como uma possibilidade de expressão na relação com o outro e que impliquem no desempenho ocupacional. Por fim, ressalta-se as interferências de conexões nas chamadas de vídeos, devido às instabilidades nos serviços de internet.

Conclusões: A Telessaúde configura-se como uma alternativa relevante para a continuidade do cuidado em tempos de pandemia e foi evidenciada como uma estratégia fundamental para o tratamento. Os telemonitoramentos possibilitaram, no que se refere à atuação da Terapia Ocupacional, visualizar recortes do cotidiano e da estruturação das ocupações da criança, além da sua relação com os objetos e espaços escolhidos durante as brincadeiras em seu ambiente domiciliar. Isso indica uma importante estratégia de intervenção, que mesmo na presencialidade, pode garantir experiências no ambiente naturalístico da criança, o qual em atendimento clínico por vezes não se tem acesso.

Palavras-chave: Telemonitoramento; Desenvolvimento Infantil; Coronavírus.